

NA QUARENTENA

Igor Cotrim
O ator e seus personagens marcantes PÁG.17



EU TENHO TANTO PRA LHE FALAR

É a vez de Roberto Carlos fazer um livro sobre Roberto Carlos

Julio Maria

É será ele mesmo, Roberto Carlos, o autor de um dos próximos livros sobre Roberto Carlos. Ou seja, uma autobiografia, conforme o projeto vem sendo desenhado. Depois de se opor judicialmente a livros que o tiveram no centro, como *Roberto Carlos em Detalhes*, lançado por Paulo Cesar de Araujo, em 2006, ou nas bordas, como *Jovem Guarda: Moda, Música e Juventude*, uma abordagem sobre a moda da época, feito por Maíra Zimmermann, de 2013, Roberto terá suas memórias organizadas em um livro a partir de 2022. As passagens citadas por ele já foram gravadas e só falta definir a pessoa que fará com que os áudios sejam convertidos em texto. A novelista da Globo Glória Perez conversou com Roberto e se tornou um nome provável para assumir o projeto.

Os áudios foram gravados, originalmente, para uma outra empreitada também biográfica. Um filme que contará a vida de Roberto começará a ser rodado, com a segurança sanitária devida, no início de 2022. Foi para a criação do roteiro, do qual participou Nelson Motta, que as lembranças foram registradas, as mesmas que serão usadas para o livro. A direção do filme será de Breno Silveira, autor de *Dois Filhos de Francisco*, a cinebiografia brasileira mais vista na história, de 2005, com mais de 5 milhões de espectadores. A de Roberto, se conduzida com a mesma habilidade que Breno mostra em seus filmes e séries para lidar com as costuras da ficção biográfica, licenças poéticas que não violentam os fatos, tem argumento e alcance para ir além da história do pai de Zezé Di Camargo & Luciano. "Há uma frase, acho que de Woody Allen, de que gosto muito: 'A vida não faz sentido, mas o roteiro tem de fazer'. Se não trair o espírito do seu personagem, de seu herói, se não inventar nada que não abale as verdades, é importante usar as licenças em um filme para criarmos a dramaturgia", diz Breno, não especificamente sobre o filme de Roberto, mas sobre cinebiografias de maneira geral.

O filme e o livro de Roberto

● **Frases**
"A crítica demorou para reconhecer o Roberto compositor, até que ele acumulou mais standard do que Chico e Caetano juntos"

Nelson Motta

"Se eu tivesse hoje 17 ou 18 anos, eu faria a mesma música que faço. Esse *Cará Sou Eu e Seréia* estão aí para provar"

Roberto Carlos



fundando assuntos que valem mergulhos maiores, Tito abre discussões e insights muito curiosos sobre o tratamento dispensado a Roberto durante o correr das décadas. Jornalistas começaram a terminar suas carreiras falando de Roberto, e Roberto ficou. Ele foi chamado de cafona e alienado em meados dos anos 1960, quando uma ação de publicidade da TV Record polarizou a MPB e a Jovem Guarda de forma a atrair espectadores para os programas que exibiam representando esses dois movimentos, fez uma conversão bem sucedida do 16-16 para o romantismo dos 60 para os 70; voltou a ser duramente atacado pela imprensa nos anos 80, que o chamava agora de brega e repetitivo, e seguiu pelos 90 sem mudar um microtom daquilo que queria cantar. "Se eu tivesse 18 ou 19 anos, faria a mesma música que faço hoje", disse na última terça (13), em entrevista aos jornais.

A crítica, então, entra em discussão a partir da análise de Tito, que expõe o quanto pode haver de sectarismo social no conteúdo de alguns analistas de redação que pareciam querer afastar a chamada "música de empregada" daquilo que consideravam "boa música". Por que, afinal, Maria Bethânia faz Roberto Carlos ser aceito ao dedicar um CD à sua obra e Waldick Soriano, ao fazer o mesmo, não? Tito não vai tão fundo, mas faz pensar.

Assim como todos os aparelhos ocupados por especializações legítimas em universidades, uma barragem social histórica, a crítica musical, e o jornalismo como um todo, sofre de exclusivismos e monopólios estéticos por, em sua maioria, não ter representantes socialmente originários abaixo da linha econômica e racial da classe que consegue se diplomar. "A crítica demorou anos para reconhecer o Roberto compositor", diz Nelson Motta. "Isso até que ele acumulou mais standard do que Chico, Gil, Caetano e Milton Nascimento juntos. Ignorá-lo ficou impossível."

estendeu a mão ao cantor. O pesquisador Paulo Cesar de Araujo, autor do proibido *Roberto Carlos em Detalhes*, prepara para o fim do primeiro semestre um novo livro. *Roberto Carlos Outra Vez Volume 1* vai recontar os fatos entre os anos de 1941 e 1970, sempre partindo de uma das músicas que o rei gravou. Um segundo volume tem previsão de publicação para o fim do ano. Sobre as turbulências da época em que Roberto pediu a retirada da biografia *Em Detalhes* das lojas, Paulo diz: "Aqui ficou totalmente no passado". Outro perfil biográfico a ser lançado sobre o cantor é *Roberto Carlos - Por Isso Essa Voz Tampanha*, do jornalista Jotabê Medeiros.

EPISÓDIO DO ACIDENTE QUE LEVOU PERNA DO ARTISTA SERÁ RETRATADO NO LIVRO

GLÓRIA PEREZ É UM NOME COTADO PARA ASSUMIR A REDAÇÃO DAS MEMÓRIAS

podem fazer reparações que o cantor considerar necessárias. "Ele não tem nada contra contar o acidente na linha de trem que o fez perder a perna, mas quer que isso seja contado de forma verdadeira", diz uma das raras fontes

em contato com Roberto mesmo durante a pandemia. Roberto, então, deve trazer esse assunto à tona. Sobre o amigo das origens de carreira, Tim Maia, também houve polêmicas, mas nada garante que elas serão trazidas

de volta. O filme sobre Tim, de 2014, dirigido por Mauro Lima, mostrou Roberto humilhando o colega quando Tim ainda não era conhecido. A Globo fez um minidoc para dar versão do cantor. "Não houve humilhação, se-

gundo alguns depoimentos. A relação da crítica musical com Roberto, e não há vice-versa nesse caso, acaba de ser estudada no ótimo livro *Querem Acabar Comigo*, de Tito Guedes (*leia mais abaixo*). Mesmo não apro-

A VISÃO DA CRÍTICA DIANTE DE ROBERTO

● Livro mostra que discussão do que é brega ou não pode ter impedido análise mais profunda de sua obra

Daniel Casadei

"Fui o alvo perfeito, muitas vezes no peito atingido." Embora seja mais uma canção de amor da dupla Roberto e Erasmo Carlos, os versos de *Fora Forida*, lançada em 1982, podem ser tomadas emprestadas para definir a

discussão proposta pelo livro *Querem Acabar Comigo - Da Jovem Guarda ao Trono, a Trajetória de Roberto Carlos na Visão da Crítica Musical*, de Tito Guedes. Como o título indica, o autor, de 24 anos, repassa a obra do cantor e compositor por meio dos textos escritos por críticos entre as décadas de 1960 até o ano de 2018, quando Roberto lançou seu último álbum - *Amor Sô Lá Mite*, cantado em espanhol. Eles nem sempre foram generosos com a obra do rei. Pelo contrário. "Debilidade", "compositor de música de fonovocal", "aco-

modado", "repetitivo" e "apelativo" foram alguns adjetivos usados na fase da Jovem Guarda e quando ele e Erasmo se dedicaram à temática erótica de músicas como *Carvalhada* e *Os Seus Botões*. Em outras ocasiões, redimiram o cantor com as elogiosas qualificações de "rei", "genial" e "decificador do inconsciente coletivo". Enquanto isso, Roberto vendia milhões de cópias. Guedes não julga a opinião dos críticos, mas indica como eles podem ter sido implacáveis com Roberto ao jogá-lo na velha discussão sobre o que é brega ou

de bom gosto. Para eles, Roberto esteve sempre nesse limite. Gravações de Elis Regina, Gal Costa, Maria Bethânia e Nara Leão para suas canções eram canceladas enquanto o disco que Waldick Soriano dedicou ao repertório do rei recebeu carimbo de cafona. "O Roberto ocupa um lugar muito singular dentro da música brasileira. Ele não viveu nenhum momento de ostracismo. A relação da crítica com ele é mais específica ainda, pois revela discussões que extrapolam a música popular. Os textos mostram como a imprensa enverga

cultura do País", diz Guedes, que originalmente escreveu o trabalho para conclusão do curso de Estudos de Mídia na Universidade Federal Fluminense (UFF), em 2019. Embora em alguns momentos não relacione a produção musical do artista com seus colegas da época, o livro levanta importantes discussões. Uma delas parte de uma afirmação do poeta Augusto de Campos, que aproxima Roberto da bossa nova de João Gilberto e contraponto à chamada MPB feita à época, na era pré-Tropicalismo - movimento que

